

# Futuro e Passado no Museu do Amanhã<sup>1</sup>

Nathalia de Paula Bernardo Vianna<sup>2</sup>

Sabrina Parracho Sant'Anna<sup>3</sup>

## Resumo:

Este artigo faz uma análise do Museu do Amanhã/RJ, tanto do ponto de vista do discurso dos atores envolvidos no projeto, como do ponto de vista do discurso expresso na exposição permanente da instituição. Se, por um lado, o museu se apresenta como sustentável, e isso o remete ao futuro, em contrapartida o museu não faz nenhuma colocação quanto à memória. É fundamental, portanto, pensar como de forma indireta a memória está presente no local. Desta forma uma reflexão sobre os conceitos de passado e futuro para a construção de memória se faz importante para entender a perspectiva do Museu do Amanhã, tendo como pano de fundo da sua construção representações de nacionalidade para recepção das Olimpíadas.

**Palavra-chave:** Museu do Amanhã; Zona portuária; intervenção urbana; museus de ciência e tecnologia

## Abstract:

This article attempts analyse the Museu do Amanhã/RJ (Museum of Tomorrow in Rio de Janeiro), both from the point of view of the discourse of the actors involved in the project, as from the point of view of the discourse expressed in the permanent exhibition of the institution. If, on the one hand, the museum presents itself as sustainable, and in doing so, refers to the future, in contrast, the museum does not place any position on memory. Therefore, it is important to think how indirectly the memory is present in the institution. In this way, a reflection about the ideas of past and future for a construction of memory becomes important for understanding the perspective of the Museum of Tomorrow, having as background of its construction a representation of nationality for reception of the Olympics.

**Keywords:** Museu do Amanhã, Port Zone; urban intervention, museums for science and technology

1

Este artigo é resultado de dissertação de mestrado defendida junto ao PPGCS/UFRRJ e pesquisa realizada com apoio da FAPERJ (Bolsa Jovem Cientista do Nosso Estado) e Edital Universal do CNPq.

2

Doutoranda do programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFRRJ.

3

Doutora em Sociologia pela UFRJ e professora associada da UFRRJ, autora de *Construindo a Memória do Futuro: uma análise da fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*.



Futuro e Passado no Museu do Amanhã  
Nathália de Paula Bernardo Vianna  
Sabrina Parracho Sant'Anna

## Introdução

No dia 17 de dezembro de 2015, o museu do Amanhã foi inaugurado no Píer da Praça Mauá, na Zona Portuária do Rio de Janeiro. Na ocasião o museu foi aberto para políticos e pessoas envolvidas no projeto. No dia seguinte, em 18 de dezembro daquele ano, o museu foi inaugurado para operários e moradores de bairros próximos. Desde 19 de dezembro, o museu está aberto para o público em geral. Na terceira semana após a inauguração, a instituição havia recebido 100 mil visitantes. Em maio de 2016, cinco meses depois de sua inauguração, o museu recebeu 500 mil visitantes segundo reportagem do jornal O DIA. Recordes de público e intensa recepção na imprensa marcaram os primeiros meses da instituição. A narrativa de um museu de grandes novidades, atualização dos *cabinets de curiosités*, enfatizou os discursos de inovação para um museu de ciência.

De acordo com os materiais de divulgação da instituição, o Museu do Amanhã tem como objetivo demonstrar para os visitantes como o planeta estará dentro de 50 anos, sempre tendo como ponto de partida ações praticadas na atualidade. No relatório de atividades do museu, publicado ainda antes de sua inauguração, em 2011, o objetivo da instituição era: "Oferecer ao público um espaço interativo de conhecimento sobre a trajetória do homem no planeta promovendo o debate sobre a construção de uma civilização sustentável."<sup>4</sup> O projeto do Museu do Amanhã colocava a instituição como a principal atração da Zona Portuária, parte do projeto Porto Maravilha, responsável por preparar a cidade para os grandes eventos que ocorreram no Rio de Janeiro até 2016 (VIANNA, 2016).

Com sede em um edifício monumental, concebido dentro do *star system* da arquitetura contemporânea (MARQUES, 2017), o museu impactava a cidade, modelando sua imagem e se projetava como ícone do novo polo de criatividade da Zona Portuária do Rio de Janeiro.

Embora desde meados dos anos 1980, as sucessivas prefeituras da cidade tenham se debruçado sobre a região e construído um diagnóstico de decadência do Porto e necessidade de revitalização, é, em princípios do ano 2000, que o atual projeto parece começar a tomar a forma que, ora, atinge seu apogeu. Se, há cerca de três décadas, planejadores urbanos do Rio de Janeiro<sup>5</sup> já vinham se debruçando sobre o potencial turístico da

4

Relatório de Atividades Museu do Amanhã – Píer Mauá – Rio de Janeiro – outubro/2010 a novembro /2011.

5

Vale chamar aqui atenção especial para o projeto do Corredor Cultural de Augusto Ivan que ocupou diversos cargos nas secretarias de planejamento urbano da prefeitura desde 1975. O projeto do Corredor Cultural data da década de 1980 e foi responsável pelas leis proteção do Patrimônio Cultural do Centro do Rio de Janeiro e intervenção urbana do centro do Rio de Janeiro a partir da preservação e *patrimonialização* de áreas de interesse arquitetônico.

O corredor cultural orientou muitas das políticas urbanas para SAARA, Lapa, Praça XV e a atual reestruturação da Zona Portuária.



Futuro e Passado no Museu do Amanhã  
Nathália de Paula Bernardo Vianna  
Sabrina Parracho Sant'Anna

patrimonialização arquitetônica e seu uso para fins de polos de interesse cultural, o ano 2000 marca o princípio de iniciativas mais agressivas para a região, com o anúncio da construção de uma filial do museu Guggenheim no píer da Praça Mauá.

Cercada de polêmicas, a divulgação da construção da filial do museu nova iorquino seria marcada por intensas críticas e pela construção de movimentos da sociedade civil organizada que, em múltiplas frentes, se opuseram à efetivação do projeto. O caso já foi objeto de outras análises (SANT'ANNA, 2013), mas vale ser mencionado porque inaugura o processo de negociação para abertura de um museu na Praça Mauá. Após o sucesso do projeto de Augusto Ivan para o Corredor Cultural da Praça XV, que culminou na política de difusão de centros culturais para no centro do Rio de Janeiro, equipamentos de cultura pensados como instrumentos de intervenção no meio urbano ganharam fôlego e deram sustentação tanto ao fracassado projeto Guggenheim quanto aos seus desdobramentos mais recentes.

No entanto, se o Guggenheim foi concebido pelos técnicos do Instituto Pereira Passos em meio a intensas polêmicas, o cenário se alteraria em anos mais recentes. De fato, se os três mandatos de César Maia à frente da prefeitura carioca (1993-1997; 2001-2005; 2005-2009) foram marcados por fortes críticas na Câmara e na imprensa, os primeiros quatro anos de mandato de Eduardo Paes, eleito em 2008, foram marcados pela dissolução de divergências e pela construção de uma agenda política sem grande oposição<sup>6</sup>.

Do ponto de vista político, o discurso oficial, apresentando um Rio de Janeiro decadente depois da mudança da capital para Brasília, recorrentemente acionado, foi eficaz para enaltecer as coligações partidárias e os três diferentes âmbitos de governo – municipal, estadual e nacional – “novamente alinhados” em torno da cidade. Do mesmo modo, a formação de uma comunidade de interesses entre agentes de políticas públicas e empresários locais foi efetivamente capaz de fortalecer identidades locais e criar em diversos âmbitos, uma nova imagem de cidade. No discurso de inauguração das construções do Museu do Amanhã, disse o presidente da Fundação Roberto Marinho:

6

Com efeito, os números das duas eleições disputadas por Eduardo Paes à prefeitura do Rio de Janeiro são sintomáticos: em 2008, Paes quase perdeu as eleições no segundo turno, vencendo com diferença mínima de votos frente ao segundo candidato, Fernando Gabeira (50,83%, contra 49,17% dos votos válidos); já em 2012, Paes venceu já no primeiro turno com 64,60% dos votos válidos, muito à frente de Marcelo Freixo e Rodrigo Maia com 28,15% e 2,94% respectivamente.



Futuro e Passado no Museu do Amanhã  
Nathalia de Paula Bernardo Vianna  
Sabrina Parracho Sant'Anna

O Rio de Janeiro vive um grande momento em sua história, de parceria entre os governos e de diálogo com a iniciativa privada. E o Museu do Amanhã é o maior exemplo disso: um projeto que tem a iniciativa e liderança da prefeitura da cidade, o apoio incisivo dos governos estadual e federal e a participação dos recursos privados - concluiu José Roberto.<sup>7</sup>

De fato, grupos empresariais extremamente próximos às esferas da governança pública aderiram a um esforço concertado para fazer da cidade uma marca comercial capaz de agregar valor aos produtos locais. A "marca Rio" foi uma constante em diferentes discursos sobre a cidade<sup>8</sup>. No caso da Zona Portuária, a narrativa sobre a cidade como capital cultural ganhou crescente destaque. Financiados pela Fundação Roberto Marinho - cujos presidentes são também proprietários do segundo jornal de maior tiragem diária do Brasil<sup>9</sup> e do maior conglomerado de mídia do país<sup>10</sup>, criando um eficaz sistema de divulgação de suas instituições - o Museu do Amanhã e o Museu de Arte do Rio se colocaram à serviço da construção de uma imagem de cidade como "Cidade Criativa" (FLORIDA, 2011). De fato, a ideia de economia criativa ganha especial destaque para apresentar a Zona Portuária como uma constelação cultural com potencial turístico em que "a proliferação de imagens produz e acompanha o desejo de ver com os próprios olhos" (URRY, 1996).

No caso do Museu do Amanhã, o projeto esteve, assim, baseado em uma parceria Público-Privada. Sua manutenção envolveu empresas como o Banco Santander e Fundação Roberto Marinho (FRM), investidores da instituição. A parte operacional do museu passou a ser desenvolvida pelo Instituto de Desenvolvimento de Gestão (IDG), uma organização sem fins lucrativos, ganhadora da licitação promovida pela Prefeitura do Rio de Janeiro<sup>11</sup>. De acordo com o site da instituição IDG foi fundado como Organização Social (OS) em 2013, tendo como diretor executivo Ricardo Piquet. Trabalhando na Fundação Roberto Marinho desde 1999 (Vieira, 2007), Piquet esteve à frente da Revitalização do Bairro do Recife e teve sua expertise na gestão cultural festejada na imprensa carioca<sup>12</sup>.

Segundo o site Porto Maravilha a área urbana é gerenciada pela Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de

7

Portal Fator Brasil. Prefeitura dá início às obras do prédio do Museu do Amanhã. 2011. Disponível em: <[http://www.revistafator.com.br/ver\\_noticia.php?not=179146](http://www.revistafator.com.br/ver_noticia.php?not=179146)>. Acesso 3 jan. 2018.

8

A expressão "marca Rio" foi constantemente acionada na gestão Sergio Cabral/Eduardo Paes para vincular os interesses da cidade aos interesses do empresariado local. Ainda que tenha perdido visibilidade, em 2017, o Globo ainda publicava em seu caderno de Economia, reportagem de Nelson Vasconcelos que afirmava: "O Rio é uma grife que deve ser bem aproveitada por todos que vivem no estado. É o que dizem empresários de vários setores da indústria fluminense, garantindo que a marca Rio aumenta a visibilidade de seus produtos". Cf: <<https://oglobo.globo.com/economia/marca-rio-ganha-forca-entre-os-empresarios-21804562#ixzz54YQBWwRn>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

9

Cf: dados da Associação Nacional de Jornais para 2014 e 2015. <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>.

10

De acordo com análise independente da Zenith Optimedia, empresa especializada em marketing, o Grupo Globo, ocupava, em 2015, a 17ª posição entre os conglomerados de mídia internacionais, sendo o único da América Latina a ser mencionado entre as 20 primeiras posições. Cf: <<https://www.zenithmedia.com/google-strengthens-position-worlds-largest-media-owner/>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

11

Site Museu do Amanhã. <<https://www.museudoamanha.org.br/pt-br/quem-somos>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

12

GUIMARÃES, Saulo Pereira. Com menos burocracia, OSs administram com sucesso espaços culturais. Veja Rio, 2015. Disponível em: <<http://vejario.abril.com.br/cidades/com-menos-burocracia-oss-administram-com-sucesso-espacos-culturais/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.



**Futuro e Passado no Museu do Amanhã**  
Nathália de Paula Bernardo Vianna  
Sabrina Parracho Sant'Anna

Janeiro (CDURP), uma parceria pública privada, e a Concessionária Porto Novo, empresa responsável pela execução das obras e prestações de serviço da Operação Porto Maravilha. De acordo com os relatórios de atividades do Museu do Amanhã no período de novembro de 2011 a fevereiro de 2013, além da Fundação Roberto Marinho, outra fonte de recursos deriva da Secretária de Estado do Ambiente (SEA) e o Fundo Estadual de Conservação Ambiental e Desenvolvimento Urbano (FECAM).

Duas frentes são, portanto, fundamentais para a efetivação do projeto de intervenção sobre a Zona Portuária. De um lado, o ingresso de recursos privados permitiu diluir muitas das críticas ao financiamento público do projeto Guggenheim Rio em anos anteriores. De outro, a aposta numa instituição que não só compassava o Brasil com processos de musealização mundo afora apresentando o Rio de Janeiro como capital global, mas que retomava mitos de origem da formação nacional e transformava o píer Mauá na alegoria do país do futuro em tempos de Olimpíadas e Copas do Mundo.

Uma vez apresentada a instituição, o objetivo deste artigo é entender de que modo o museu articula passado e futuro para construir quadros de memória ou projetos de ação, em meio à encenação da nacionalidade no concerto das Olimpíadas.

### **Projetos e discursos: ciência, natureza e identidade nacional**

É sobre o panorama da encenação da nacionalidade que tem início a construção do Museu do Amanhã, em 1o de novembro de 2010. Segundo o site da instituição:

O fundamento conceitual do museu é o entendimento de que o amanhã não é o futuro. Pois se o futuro é alguma coisa que estaria lá, que já estaria lá, o amanhã está aqui, e está sempre acontecendo. E essa construção vai ser feita pelo visitante, pelas pessoas, pelos cidadãos, enquanto cariocas, enquanto brasileiros, enquanto integrantes da espécie humana.<sup>13</sup>

Ainda de acordo com os materiais de divulgação da nova instituição (2012), o museu tinha como principal característica a reflexão sobre a

13

Site do Museu do Amanhã.  
Disponível em: <<http://museudoamanha.org.br/livro/02-um-museu-singular-para-um-futuro-plural.html>>. Acesso em: 1 jul. 2016.



Futuro e Passado no Museu do Amanhã  
Nathália de Paula Bernardo Vianna  
Sabrina Parracho Sant'Anna

ciência. Ainda que tenha um formato diferente dos já conhecidos museus de História Natural ou dos museus de Ciências e Tecnologias (SEPÚLVEDA, 2004), o museu, sem dúvida, remonta a uma longa genealogia de instituições científicas que tiveram papel fundamental na fundação do Brasil.

Desde o século XIX, a construção da identidade nacional tem passado francamente pela retomada da natureza como elemento definidor da brasilidade. Segundo Myriam Sepúlveda, no século XIX, o Brasil contava com dez museus, entre eles o Museu Nacional, o Museu Goeldi e o Museu Paulista. Toda a dezena, conforme lembra a autora, com exceção do Museu Naval e Oceanográfico (1858), “tinham alguma relação com as práticas classificatórias dos elementos encontrados na natureza” (SEPÚLVEDA, 2004, p. 55). A partir deles, enquadravam identidades nacionais pelo vínculo com a riqueza natural e as relações de dominação que supunham (SEPÚLVEDA, 2004), baseavam-se no território para constituir uma identidade do exótico (SÜSSEKIND, 2000), ou, apoiavam-se na ciência para constituir uma definição de identidade e alteridade baseada na raça (SCHWARCZ, 1993). Apresentando o país à imagem que lhe deveria corresponder, exibiam, como Museus de História Natural, uma ideia de nação que se apresentava como portadora de um projeto de civilização.

De fato, segundo Sepúlveda os museus brasileiros têm certas especificidades:

Embora também houvesse importantes museus de história natural na Europa, os grandes museus nacionais não eram aqueles que mostravam a flora e a fauna de cada nação, ou mesmo do mundo, mas as riquezas culturais de cada Império. No Brasil, o Museu Nacional era o museu que guardava a riqueza natural, inicialmente, do Império, e, mais tarde, da República. O perfil deste museu indicava a importância dos recursos naturais para o novo Estado que se consolidava e a relação de desigualdade na constituição de perfis nacionais. (SEPÚLVEDA, 2004, p. 56)

Elegendo a natureza como especificidade capaz de fundar um mito de origem e um sentimento de pertença, o território parecia justificar-se como elemento primeiro da nacionalidade e, se a natureza era o vazio a



Futuro e Passado no Museu do Amanhã  
Nathália de Paula Bernardo Vianna  
Sabrina Parracho Sant'Anna

ser construído, à espera de um povo que o realizasse, era justamente ela, no Brasil, a definidora da identidade nacional. A própria ideia de Brasil parecia anterior ao elemento brasileiro e era, em si mesma, revelação do destino comum, base de identidade dos pioneiros crioulos (ANDERSON, 2005), lugar de nascimento e categoria ela mesma suficiente para definir a nacionalidade (SANT'ANNA, 2010).

No entanto, no que diz respeito a seu conteúdo, embora o Museu do Amanhã pudesse ser alocado numa longa linhagem de museus brasileiros ligados à ciência<sup>14</sup>, ao contrário dos museus nacionais, centrados na história natural, o novo museu está mais voltado à construção de uma certa cosmologia científica e é construído, no discurso de seus fundadores, para permitir que o visitante vislumbre o futuro nos próximos 50 anos. Assim, ao olhar o Museu do Amanhã, novas identidades e novos modos de pensar o tempo parecem ser postos em movimento, implicando não só uma reflexão sobre a identidade nacional, mas também projetos de intervenção sobre o mundo.

De fato, pensar o tempo, sob o ponto de vista do aqui e agora, implica pensar agentes, identidades e perspectivas de ação. Segundo Leonardo Menezes (2015), responsável pela coordenação de conteúdo do Museu do Amanhã, em entrevista concedida à pesquisa, o Museu do Amanhã se distingue dos outros museus de história natural por não se basear no vestígio do passado e nem se assemelhar aos museus de ciência e tecnologia que evidenciam as leis das ciências. O Museu do Amanhã, de acordo com ele, é um museu de possibilidades, que permitirá que os visitantes interajam com o museu, já que são suas atitudes que guiarão o acervo da instituição. Também Luiz Alberto Oliveira curador do museu em uma entrevista ao site Ciência Hoje do portal UOL, define o objetivo do Museu do Amanhã:

Então, pensamos em fazer um museu de ciência original, que não se contentasse em registrar fatos, como os museus de história natural, que acumulam vestígios do passado – fósseis, artefatos etc. –, nem em explicar fatos, mostrando o funcionamento das leis e os princípios da natureza como fazem os museus demonstrativos e expositivos, nem tampouco ser mais um museu exploratório, em que o visitante põe a mão na massa.

14

Segundo Myrian Sepúlveda, o Museu Imperial foi “primeiro museu brasileiro de história natural seguiu os critérios da universalidade do conhecimento, também presentes entre os grandes museus de história natural que se consolidavam na Europa (Lopes, 1997). No final do século XIX, o Brasil tinha aproximadamente dez museus, e, com exceção do Museu Naval e Oceanográfico (1868) e do Museu da Academia Nacional de Medicina (1898), todos os demais tinham alguma relação com as práticas classificatórias dos elementos encontrados na natureza. Além do Museu Nacional, os outros dois grandes museus brasileiros eram o Museu Paulista (1895) e o Museu Goeldi (1866)”.



Futuro e Passado no Museu do Amanhã  
Nathália de Paula Bernardo Vianna  
Sabrina Parracho Sant'Anna

A ideia do Museu do Amanhã é a de ser um museu em que a ciência é aplicada à exploração das possibilidades de construção de um amanhã, onde as pessoas são convidadas a explorar essas vias de construção de futuro a partir dos instrumentos que a ciência contemporânea nos oferece. A ciência nos permite elaborar uma série de cenários, cujas concretizações futuras vão depender de decisões tomadas hoje pela sociedade. Então, queremos oferecer a experiência de refletir sobre esses diferentes caminhos que se abrem e suas ações que, se empreendidas, vão viabilizar um deles ou vão nos levar para outros caminhos. Nesse sentido é um museu conceitualmente virtual.<sup>15</sup>

Narrativas sobre o devir, narrativas sobre o presente foram objeto de intensa discussão e implicam diagnósticos e visões normativas sobre o aqui e agora. Utopias e distopias. Do ponto de vista do projeto, segundo Leonardo Menezes, a ideia inicial da equipe da Fundação Roberto Marinho era construir um museu sobre a sustentabilidade. Ao longo dos primeiros anos de discussão para a concepção final, modificações teriam sido introduzidas para chegar ao que se pode verificar no museu atual. De fato, o protagonismo da Fundação Roberto Marinho fica evidente ao analisar o Jornal O Globo pertencente ao grupo Globo. Nas publicações do periódico, é possível perceber o crescente interesse pelo meio ambiente e a sustentabilidade nos últimos anos. No ano de 2012, quando já haviam sido iniciadas as negociações para a criação do museu, o jornal O Globo sofreu uma repaginação e dentre algumas mudanças houve a criação do caderno *O Globo Amanhã*. *O Globo Amanhã* foi um caderno semanal que tratava de três temas importantes para sustentabilidade: meio ambiente, economia e sociedade. O caderno Amanhã foi publicado pela última vez no ano de 2014. Embora as temáticas do caderno já fossem tratadas pelo jornal em dois outros cadernos anteriores, *Planeta Terra* e *Razão Social*, *O Globo* parecia preparar seu público para o conceito sustentabilidade que seria apresentada como futuro desejável no conceito do museu.

Também do ponto de vista da arquitetura, imagens que associavam futuro e ecologia preparavam os espectadores como antessala discursiva. O projeto do museu de Santiago Calatrava foi inspirado em um organismo

15

Disponível em: <<http://cienciahoje.org.br/depois-de-amanha/>>. Acesso em: 13 ago. 2017.



vivo. Segundo o curador Luiz Alberto Oliveira, o arquiteto se baseou nas bromélias do Jardim Botânico para conceber o edifício<sup>16</sup>. Do mesmo modo, nos folders de divulgação e no site institucional, era possível perceber a preocupação da construção de um museu sustentável. Segundo artigo publicado por Calatrava, no Instituto de Arquitetos do Brasil, o museu utilizaria a água da Baía de Guanabara para climatizar o interior do museu, e posteriormente a água seria reutilizada nos espelhos d'água. A parte superior teria grandes estruturas de aço que, ao se moverem, serviriam para captação de energia solar.

Também do ponto de vista curatorial, o discurso da sustentabilidade se traduziu na opção por um museu sem acervo, ou com acervos digitais, numa narrativa em que forma e conteúdo se coadunassem. De fato, o acervo do Museu do Amanhã só é possível através da tecnologia. Ainda segundo Leonardo Menezes:

O Museu do Amanhã, para permitir a sondagem do Futuro, transita pelo passado e pelo presente, dialogando com possibilidades. O Museu do Amanhã é um ambiente de experiências, um Museu de ciências diferente. As ciências aplicadas são usadas para provocar no visitante a reflexão acerca das culturas que ocorreram e dos fatores que incentivaram ou impediram certas configurações de futuro. Ao explorar variedades do amanhã, o visitante conhece importantes tendências que moldarão o mundo nas próximas cinco décadas: as mudanças climáticas; o crescimento e a longevidade populacionais; o fortalecimento da integração regional e global; o aumento da diversidade de artefatos e a diminuição da diversidade natural; a expansão do conhecimento. O intuito é poder oferecer ao visitante um exame de alternativas, constituindo um Museu formador, uma ferramenta de educação estruturada a partir da análise de três dimensões da existência: a matéria, a vida e o pensamento, nas amplitudes que nos coligam e nos diferenciam. Eu não estava na origem da ideia pois entrei em 2010, mas a equipe da FRM [Fundação Roberto Marinho] diz que as primeiras reuniões aconteceram em 2009 com um pequeno grupo

de consultores sobre um museu da sustentabilidade. A ideia evoluiu para o projeto atual, que mantém a sustentabilidade como um dos pilares éticos do museu, além da convivência (MENEZES, 2015)<sup>17</sup>.

Refletindo sobre essas definições, o Museu do Amanhã não se encaixa nas tradicionais definições dos museus história natural que definiram o lugar da nacionalidade. Do ponto de vista do museu como lugar de memória (NORA, 1986), a reflexão a respeito das instituições passa por seu acervo material, correntemente visto como o cerne do museu, que se define tendo como parâmetro a memória. Espaços de peregrinação para encenação do passado e da história nacional. Partir deste ponto de vista, leva diretamente ao estranhamento do Museu do Amanhã que não tem um acervo físico e, portanto, não tem objetos autênticos e muito menos pensa a memória. De acordo com o consultor do museu Luiz Fernando Dias Duarte o Museu do Amanhã só usará "a memória para projetar o futuro". Assim, no caso do Museu do Amanhã, sua arquitetura sai dos moldes tradicionais e adota um ar de modernidade, enquanto em seu interior, seu acervo deixa de ser físico para ganhar corpo no âmbito virtual.

A questão do tempo é, assim, o ponto principal do museu e talvez o mais importante a ser entendido. Segundo o que foi divulgado em palestras pelo Luiz Alberto Oliveira, o tempo a que se refere o Museu do Amanhã não é um tempo linear, consecutivo. Trata-se de um tempo no qual existem várias possibilidades abertas, e a partir das decisões tomadas hoje teremos a projeção de um determinado futuro. O museu deixaria sempre em aberto o que teremos mais à frente, pois é imprescindível que ações sejam tomadas para que se possa vislumbrar um dos muitos futuros que se pode alcançar. Embora o museu já tenha sido inaugurado, ele está em constante atualização, tendo em vista que trata de assuntos que estão sempre se modificando. Desta forma, o Museu do Amanhã pode ser considerado como um projeto sempre em transição, com uma projeção futura que se perpetua. Ao diminuir o espaço da sustentabilidade para aderir ao conceito de cenários de futuro, o museu passa a usar a tecnologia para apresentar probabilidades e estabelecer prognósticos.

Desse modo, o uso intensivo de novas tecnologias, num museu que não se funda em vestígios do passado e que não deixa pegadas para o

futuro, também parece se adequar às narrativas da instituição. Se no Brasil, instituições como o Museu do Futebol e o Museu da Língua Portuguesa, ambos igualmente financiados pela Fundação Roberto Marinho, são exemplos de um movimento para museus baseados em acervo digital - radicalização dos centros culturais, museus sem acervo desde fins de 1970 (SANT'ANNA 2015) - no Museu do Amanhã os meios curatoriais ganham novo sentido, ancorando as narrativas da sustentabilidade e, ao mesmo tempo, garantindo a imagem de que o futuro é aqui e agora. Do ponto de vista imagético, as novas tecnologias transformam a instituição em enclave de amanhã num projeto de cidade, que antes da tragédia anunciada que em tempos mais recentes se avizinha, se mirava no contexto de sonhos olímpicos num Brasil que havia chegado ao futuro.

O paradoxo do museu que se quer em contínuo movimento, reflexão sobre futuros possíveis, museu de experiências, se abre, todavia, quando há clara intenção de mostrar aos visitantes, pela forma do museu, que o futuro chegou ao Rio de Janeiro. De fato, fazer inferir a conclusão de futuro na cidade, diverge do pensamento do museu que prega as possibilidades de amanhã. Vale refletir, portanto, se o Museu que seria do Amanhã, o museu de possibilidades de futuros, não é um projeto que conclui a cidade e que, portanto, limita os mesmos horizontes que propõe abrir.

### Passado, presente e amanhã

Ao escrever *Brasil, país do futuro* em 1941, Stefan Zweig cunhou, no título do livro, a expressão que marcaria a imagem do projeto desenvolvimentista do país na década seguinte e selaria o destino incompleto da nação, promessa a se concretizar, horizonte a ser alcançado. Eterno devir que remonta e destoa do Museu do Amanhã: concreto simbólico a se manifestar no Porto, já aqui e agora maravilha.

Quando chegou ao Brasil, no entanto, Zweig descreveu o caminho pelo mar que descortinava a Baía de Guanabara e revelava, em meio à paisagem, a *skyline* da cidade em fase de crescimento. Ao refletir sobre o futuro, Zweig começava seu livro, ironia das ironias, pela descrição do mesmo porto agora reformado. Não esperava, sem dúvida, que nele, mais de meio século depois, seria construído um museu em nova expectativa pelo futuro.



Futuro e Passado no Museu do Amanhã  
Nathalia de Paula Bernardo Vianna  
Sabrina Parracho Sant'Anna

Saído de Viena que, tanto como a Alemanha, precisaria se reconstruir no pós-guerra, Zweig, como tanto outros, encontrava no Rio de Janeiro a promessa de seu próprio *Wiederaufbauen* (SANT'ANNA, 2012), recomeço possível que se desenhava com a guerra deixada em distante continente. Ao lançar os olhos sobre o porto, Zweig dizia perceber que havia lançado "um olhar para o futuro do mundo" (2001, p. 15), um projeto construtivo que fazia eco a esperanças de uma nova civilização. Segundo ele:

Aqui, havia, inteiramente contra a minha expectativa, um aspecto absolutamente próprio, com ordem e perfeição na arquitetura, e no traçado da cidade, aqui havia arrojo e grandiosidade em todas as coisas novas e, ao mesmo tempo, uma civilização antiga ainda conservada de modo muito feliz, graças à distância (ZWEIG, 2001, p.14).

A construção do jovem país como projeto não fazia, no entanto, referência apenas à pujança de cidades que de norte a sul se construíam em meio à natureza resistente. A "civilização antiga ainda conservada" remetia também à tolerância inter-racial que vislumbrava aqui como memória de sua Viena de outrora. Também escrito de Petrópolis, *O mundo de ontem*, livro auto-biográfico de Zweig, descrevia com nostalgia seu império austro-húngaro, "época áurea da segurança", cujo "Estado parecia ser o avalista supremo dessa estabilidade" (2014, p.19). O mundo de ontem, em que seus "países estavam obstinadamente imbuídos da confiança na infalível força aglutinadora da tolerância e da conciliação" (2014, p.20), fazia eco ao Brasil, país do futuro, como projeto de progresso, mas também como retorno ao humanismo e ao pacifismo, valores tão cultivados por Zweig quanto a memória da Viena no fim do século. Dizia ele, em *Brasil, país do futuro*: "Cada vez mais veemente era o meu desejo de me retirar do mundo que se destrói e de passar algum tempo no mundo que se desenvolve de maneira pacífica e fecunda" (ZWEIG, 2014, p.16)

O cultivo do passado e o desejo do futuro eram, portanto, duas faces da mesma moeda. Não por acaso, Hannah Arendt, em sua crítica avassaladora à obra de Stefan Zweig (VILLAS BÔAS, 2017), o classifica com rigor como um "judeu no mundo de ontem" (ARENDR, 2007). O pacifismo de Zweig, seu recolhimento na Viena da tolerância e sua tomada de posição por uma saída



apolítica da reconstrução no pós-guerra são objeto da crítica profunda da autora. De fato, localizar Zweig no mundo de ontem retoma a reflexão de Arendt sobre o tempo e substancia a análise sobre as perspectivas de futuro expressas tanto na obra de Zweig, quanto na instituição museal inscrita na paisagem da Guanabara.

Com efeito, a reflexão sobre o tempo de Hannah Arendt nos serve como metáfora para refletir tanto sobre Zweig e seu país do futuro, quanto sobre o Museu que agora se quer do Amanhã. Em duas passagens seminais, Arendt retoma parábola de Kafka para definir o tempo e o presente. Em *Entre o Passado e Futuro*, Hannah Arendt descreve o texto de Kafka:

A parábola de Kafka é a seguinte:

*Ele* tem dois adversários: o primeiro acossa-o por trás, da origem. O segundo bloqueia-lhe o caminho, à frente. *Ele* luta com ambos. Na verdade, o primeiro ajuda-o na luta contra o segundo, pois quer empurrá-lo para frente, e, do mesmo modo, o segundo o auxilia na luta contra o primeiro, uma vez que o empurra para trás. Mas isso é assim apenas teoricamente. Pois não há ali apenas os dois adversários, mas também *ele* mesmo, e quem sabe realmente de suas intenções? Seu sonho, porém, é em alguma ocasião, num momento imprevisto - e isso exigiria uma noite mais escura do que jamais o foi nenhuma noite -, saltar fora da linha de combate e ser alçado, por conta de sua experiência de luta, à posição de juiz sobre os adversários que lutam entre si. (ARENDR, 2016, p.33)

Situado no exato instante presente, o trajeto *dele* é a resultante das duas forças em embate. Se o passado o empurra para a frente em direção ao futuro, é o futuro quem o empurra para trás em direção ao passado. O paradoxo da reflexão de Hannah Arendt é que é o passado que, embora "peso morto", "o impulsiona com a esperança". Enquanto o medo do futuro, "cuja única certeza é a morte", "o empurra para trás, para a 'serenidade do passado', com a nostalgia e a lembrança da única realidade de que o homem pode ter certeza". (ARENDR, 2000, p.154-155).

Não por acaso, Arendt situa, portanto, Zweig no mundo de ontem. Acossado pelo futuro, Zweig recua no tempo e resguarda as esperanças



do *Wiederaufbauen* no retorno aos valores de tolerância e pacifismo. Também o Museu do Amanhã recoloca a questão sobre o presente. Como procuraremos argumentar, às narrativas nacionais do lugar de memória, passado que impulsiona com esperanças coletivas, contrapõe narrativas de futuro distópicas e no monumento arquitetônico em homenagem ao porvir, constitui cenários do incerto, medo que empurra ao passado.

### Exposição permanente<sup>18</sup>

Passado o acesso ao museu pelo átrio, chega-se à exposição principal por uma escada que leva o visitante ao segundo piso da instituição. Após aguardar na fila por alguns minutos, o espectador é introduzido pelos monitores na primeira sala da exposição permanente: Cosmos. O número de visitantes ali é limitado e os visitantes são conduzidos por um pequeno túnel, numa espécie de esfera negra, cujo interior, mantido na penumbra, é recoberto por uma tela em 360°. Introduzidos nessa espécie de útero, os visitantes são informados pelo monitor do setor educativo do museu sobre os procedimentos de emergência e a proibição do uso de equipamentos eletrônicos durante a projeção que os aguarda. Embora o uso de celulares e outros equipamentos fotográficos seja permitido, e mesmo constante, na maior parte dos espaços do museu, ali parece haver a expectativa da escuridão completa, imersão absoluta dos espectadores. Portal cósmico. Cúpula de observação. Espaço que suscita sonhos.

Após as informações técnicas, o monitor informa sobre a projeção que levaria os visitantes num percurso para que pudessem entender: “de onde viemos, para onde vamos? Como surge o universo? Universo que passa de vida a pensamento”. De um lado, o Museu do Amanhã, pensado como museu de ciência, de outro, “um museu de ciência diferente” com pretensões de encarar a ciência como uma nova cosmologia. Uma cosmogonia em que o tempo é encenado e ritualizado no espaço expositivo. Apagadas as luzes, o grupo é impactado pela projeção em 360° de filme com direção executiva de Fernando Meirelles. De acordo com o material de divulgação do museu:

Primeira experiência da Exposição Principal do Museu do Amanhã, Cosmos aborda a visão que somos feitos da mesma matéria que as estrelas, nos conectamos

18

Os dados apresentados a seguir são resultado de pesquisa etnográfica realizada na exposição principal do museu, entre fevereiro de 2016 e março de 2017.



Futuro e Passado no Museu do Amanhã  
Nathalia de Paula Bernardo Vianna  
Sabrina Parracho Sant'Anna

com o Universo e as nossas origens. Aqui o visitante já começa a lidar com as perguntas que guiarão seu percurso. Como chegamos até aqui?

Dentro de um domo, o visitante é imerso numa projeção em 360 graus, percorrendo galáxias, o coração dos átomos e o interior do Sol. Assiste à formação da Terra, ao desenvolvimento da vida e do pensamento, manifestado pela arte. A ideia é que o visitante possa experimentar dimensões da nossa existência natural que não estamos acostumados a vivenciar sem recorrer a instrumentos científicos. Do micro ao macro, das magnitudes astronômicas às escalas subatômicas.<sup>19</sup>

De fato, três questões fundamentais são apresentadas no filme e marcam a narrativa do museu sobre sua própria concepção de tempo e do amanhã em sua exposição permanente. De um lado, ao se inaugurar como uma narrativa do próprio tempo, do princípio de tudo quando a vida sequer existia, e o tempo era caos, ou a luz ainda não se fizera, o filme e o museu constroem sua própria narrativa para o começo de tudo, a partir de uma perspectiva que se pretende científica. A narrativa insere os visitantes em um tempo que os ultrapassa, que ultrapassa a humanidade e mesmo a própria existência. Passado revelado em "experiência sensorial, poética, motivadora, que nos apresenta o Cosmos como uma totalidade evolutiva, que em muito nos ultrapassa, nos abrange e nos constitui".

De outro lado, como nos informa já na entrada o monitor do museu, o que interessa ao filme é mostrar como, do "vazio", da "luz" e da "matéria", o universo se desdobra em vida: "Vida que é mutação e evolução. Vida que se desdobra em instinto. Vida que se desdobra em pensamento. Pensamento que imagina o Universo". O curto-circuito do binômio que transforma vida em pensamento é o que coloca o homem mais uma vez no centro do universo e devolve ao visitante a segurança de sua duração. O clímax do filme, o pensamento, antecipa também o clímax da exposição, quando, da vida, surge o homem e assim o pensamento. O eixo central da exposição se coloca: o antropoceno. De fato, ainda de acordo com o material de divulgação do museu: "Antropoceno é o momento central da Exposição Principal: tanto espacialmente, já que se encontra bem no meio

19

Site Museu do Amanhã.  
Cosmos. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/cosmos>>. Acesso em: 13 ago. 2017.



Futuro e Passado no Museu do Amanhã  
Nathália de Paula Bernardo Vianna  
Sabrina Parracho Sant'Anna

do percurso, como em termos conceituais, pois discute nossa condição e a do planeta”<sup>20</sup>.

Com efeito, é do antropoceno que nos encaminhamos ao fim da projeção e ao terceiro ponto que, nos parece, marca a narrativa do museu: o ponto fundamental que religa passado e devir e que confere protagonismo ao espectador. Como num refrão, modificado, o clímax se repete agora na primeira pessoa do plural. Se, na segunda estrofe, o universo se desdobrava em vida, agora o mesmo enredo é repetido na primeira pessoa do singular “Somos o Universo se desdobrando. Se desdobrando em matéria, matéria em vida, vida em pensamento. Somos o pensamento que imagina o Amanhã, Amanhã que é aqui e agora”<sup>21</sup>. As portas que se abrem, então, no parto triunfal, ritualizam o desfecho e devolvem aos visitantes, em princípio tornados insignificantes em face do tempo cósmico, o protagonismo do tempo presente. Se no tempo cosmológico ao pó deveríamos retornar, o ocaso é interrompido pela moira. Como se verá, os visitantes devem se tornar heróis a lutar contra o inevitável.

De fato, transposto o portal cósmico, o visitante deve então desbravar o percurso da exposição. Cosmos, terra, vida, antropoceno, amanhã, nós. Em cada uma das instalações em cenário digital, o visitante é convidado a desdobrar os módulos apresentados na introdução. Os textos apresentados sempre na primeira pessoa do plural, enfatizando uma humanidade que nos irmana, evoca recorrentemente a origem comum e o destino compartilhado (ver imagens). Matéria, terra, vida, são a ante-sala da discussão fundamental do museu: o presente é o antropoceno. No site da instituição, o antropoceno define-se:

(...) Antropoceno é um termo formulado por Paul Crutzen, Prêmio Nobel de Química de 1995. O prefixo grego “antropo” significa humano; e o sufixo “ceno” denota as eras geológicas.

Este é, portanto, o momento em que nos encontramos hoje: a Era dos Humanos. Aquela em que o Homo sapiens constata que a civilização se tornou uma força de alcance planetário e de duração e abrangência geológicas. Somos bilhões de pessoas no mundo e continuamos nos multiplicando.

20

Site Museu do Amanhã.  
Antropoceno. Disponível em:  
<<https://museudoamanha.org.br/pt-br/antropoceno>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

21

Site Museu do Amanhã. Roteiro do filme exibido no Portal Cósmico. Disponível em: <[https://museudoamanha.org.br/sites/default/files/Roteiro\\_Portal-Cosmico.pdf](https://museudoamanha.org.br/sites/default/files/Roteiro_Portal-Cosmico.pdf)>. Acesso em: 14 ago. 2017.



Futuro e Passado no Museu do Amanhã  
Nathália de Paula Bernardo Vianna  
Sabrina Parracho Sant'Anna

Do ponto de vista biológico, trata-se de um crescimento equivalente ao de uma colônia de bactérias: um ritmo extremamente explosivo, num prazo muito curto. Nós nos planetarizamos: não existe hoje uma região sequer que não seja afetada direta ou indiretamente pelo conjunto da atividade humana. Em Antropoceno, portanto, a pergunta a ser explorada é: “Onde estamos?”, e o tempo é o “Hoje”.<sup>22</sup>

Ao mesmo tempo em que a duração da vida humana e da experiência individual são infinitamente reduzidas em face da duração geológica, o aqui e agora se agiganta diante das conquistas e também impactos da humanidade. A música eletrônica em alto volume, as imagens que alternam construção e destruição, a escala gigantesca do cenário, tudo contribui para uma visão do antropoceno como princípio do fim do mundo tal como conhecemos. De fato, na arquitetura da exposição, o Antropoceno é o módulo mais impactante. Segundo reportagem da Época:

O clímax desse percurso são seis totens de 10 metros de altura, inclinados em direção ao centro, passando uma ideia de instabilidade. Cada totem mostra imagens e números impressionantes de como o homem transformou o planeta – e nem sempre sua interferência foi positiva. Aparecem imagens de carros e arranha-céus – e, junto com elas, números aterradores da quantidade de florestas destruídas, lixo jogado fora, rios poluídos. Ao som de música dissonante, a experiência gera desconforto (...).<sup>23</sup>

Se o museu pretende relatar que “os processos históricos permitiram que, de cerca de 5 milhões de *Homo sapiens* há aproximadamente 12 mil anos, chegássemos aos 7 bilhões de indivíduos que somos hoje”<sup>24</sup>, há também ali uma advertência distópica. O futuro em aberto apresenta as duas possibilidades: (1) o fatalismo do tempo cosmológico, quando a vida e, portanto, o pensamento cessarem; ou (2) o devir *ad eternum* a se desdobrar em futuro indefinidamente. Entre um e outro, o Museu do Amanhã evita o niilismo do mundo que tende ao eterno retorno e entrega aos visitantes a possibilidade de alterar os cenários sobre os quais atuam. Trata-se, como

22

Site Museu do Amanhã.  
Antropoceno. Disponível em:  
<<https://museudoamanha.org.br/pt-br/antropoceno>>. Acesso em 14 ago. 2017.

23

ÉPOCA. Museu do Amanhã  
convida pensar sobre o impacto  
do homem na terra. Disponível em:  
<<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/12/museu-do-amanha-convida-pensar-sobre-impacto-do-homem-na-terra.html>>. Acesso em:  
7 ago. 2017.

24

Site Museu do Amanhã.  
Antropoceno. Disponível em:  
<<https://museudoamanha.org.br/pt-br/antropoceno>>. Acesso em 14 ago. 2017.



Futuro e Passado no Museu do Amanhã  
Nathalia de Paula Bernardo Vianna  
Sabrina Parracho Sant'Anna

quer Markus Schultz, de trazer à tona pesquisas que desenham futuros prospectivos a partir de projeções de dados do presente. Segundo Schultz (2014, p. 86) “A pesquisa sobre futuros não apenas leva ao debate público um conhecimento que é direcionado para o futuro; ela também intervém de modo a modificar agendas políticas ao apontar para futuros alternativos e os interesses de cenários competitivos”.

De fato, aderindo à construção de cenários, o Museu do Amanhã apresenta alternativas ao destino catastrófico apresentado nos totens do módulo do antropoceno. Segundo Luiz Alberto, curador do museu em entrevista ao site Instituto Ciência Hoje, o Museu do Amanhã permite que os visitantes pensem e testem os futuros possíveis.

Não queremos pensar o amanhã segundo uma visão futurista ou tecnocrática e sim criar uma visão humanista do futuro a partir de cenários plausíveis, construídos sobre escolhas e experiências individuais e coletivas. O objetivo é refletir sobre o presente, sobre a repercussão das nossas escolhas atuais para as gerações futuras. Trata-se, então, de ver o presente como um ponto de confluência entre passado e futuro.<sup>25</sup>

Se as projeções se baseiam num devir, cujo presente se faz no horizonte do consumo conspícuo, o último módulo do museu, dedicado ao nós, entrega aos visitantes a agência e a possibilidade de intervenção sobre o futuro. Se a primeira parte da exposição é exclusivamente dedicada à longa exibição de dados, vídeos e textos interativos, o último módulo é dedicado a apresentar o diagnóstico do comportamento de cada visitante, mapeando sua pegada sobre o mundo (PORTILHO, 2005), os horizontes do impacto de cada um sobre o futuro que nos irmana.

Ao estabelecer cenários e previsões e retirar o tanto de contingência que a própria existência implica (KOSELLECK, 2006), o museu projeta cenários com base em um período de ampla expansão de investimentos, inclusão de setores da população em novos patamares de consumo, melhoria da qualidade de vida e envelhecimento populacional, colocando, ainda que indiretamente, uma severa crítica ao desenvolvimentismo brasileiro de última década. Ao fazê-lo de forma indireta, traz embutida a crítica quase-

25

Revista Portfólio. Disponível em:  
<<http://revistaportfolioeav.rj.gov.br/edicoes/01/?p=18>>. Acesso em: 21  
de maio de 2015.



ideológica à matriz energética petrolífera, ao Estado de Bem-estar social, à previdência social tal como se estrutura. Em lugar do niilismo, do ócio generalizado, que fatalmente se coloca como opção ante à perspectiva do fim do mundo, o museu responsabiliza os novos consumidores por suas próprias pegadas, mas também critica um conjunto de políticas públicas pautadas na expansão de mercados e infra-estrutura. Se às práticas do principal formulador do museu, o discurso ambientalista pouco afeta<sup>26</sup>, o museu pretende ainda assim fazer refletir sobre a nossa pegada cotidiana, redefinindo estilos de vida e propagandeando conscientização.

O catastrofismo não deixa de fazer lembrar, entretanto, as críticas ao malthusianismo. Se o museu enfatiza as distopias e se abstém das utopias, ficam ausentes tanto os aceleracionistas, e seu “entusiasmo algo macabro” pelo desenvolvimento (VIVEIROS DE CASTRO, E. & DANOWSKI, 2014), quanto os profetas da vida-extra-mundana, ficções e prognósticos científicos que há muito preveem a vida fora da Terra, ainda que com severas consequências sobre a condição humana. Ao enfatizar a ação presente e a escatologia dos futuros possíveis, o museu encerra seu espaço expositivo com bela passagem de Jorge Luiz Borges:

A uns trezentos ou quatrocentos metros da pirâmide, me inclinei, peguei um punhado de areia, deixei-o cair silenciosamente um pouco mais adiante e disse em voz baixa: estou modificando o Saara. O ato era insignificante, mas as palavras nada engenhosas eram justas e pensei que fora necessária toda a minha vida para que pudesse pronunciá-las.<sup>27</sup>

Assim, após os jogos lúdicos que medem para cada indivíduo sua propensão a uma relação adequada com o ambiente, o museu termina com a reflexão de Borges e novamente faz o visitante imergir do espaço fechado da exposição em momento contemplativo. Ao fim do espaço expositivo, o visitante se depara com o panorama cuidadosamente recortado e esculpido pelo arquiteto. Uma janela amplamente recortada defronte da Baía de Guanabara, apresenta ao espectador a paisagem contemplativa dos primeiros desbravadores. Compelido ao aqui e agora, novamente apresentado ao panorama da vista sublime, o visitante se vê agora diante

26

Em 2005, em entrevista a O Eco, diz José Roberto Marinho, em resposta à pergunta “O ambientalismo mudou seus hábitos domésticos? Por exemplo, na hora de abrir a torneira? José Roberto – Nem sempre. Eu adoro tomar banho longo e no Instituto Acqua pregava que todo banho d’euve gastar no máximo 10 litros de água. Mas gosto de banho de 100 litros. Acho, porque eu acho que o banho é uma coisa. Acho que vou pedir a um engenheiro para me fazer um banho com água reciclável, que vá e volte e eu não gaste. Adoro tomar banho, adoro água. Mas, pensando bem, já mudei de hábitos, sim. Fiz, por exemplo, uma horta orgânica, no sítio que temos em São Pedro da Aldeia. Ele fica em área urbana, mas fizemos ali uma produção rural. Plantamos hortaliças, criamos carneiros e cabras, mantendo a classificação da área, que tem 1 milhão de metros quadrados, como propriedade rural. Se um dia a prefeitura quiser mudar, teremos que lotear. Seria uma pena, porque 30% daquilo é mata original costeira.”

27

Encontra-se na exposição do Museu do Amanhã



da paisagem-natureza. Confrontado com a magnitude do horizonte que se estende além de Niterói e a pequenez de sua própria existência, a inevitável reflexão sobre as intervenções do homem que aqui e ali, com barcas e aviões, pontuam a paisagem, lembra que o futuro é aqui. Futuro, no entanto, incerto que se volta à natureza.

### Considerações finais

Como procuramos argumentar, o Museu do Amanhã, nova encenação do "país do futuro", alegoria da presentificação do devir, é marcado, em sua narrativa, por um vir-a-ser que se prolonga pela ação. No entanto, ao enfatizar determinadas projeções de futuro, adere a visões políticas, críticas ao desenvolvimentismo e a outros projetos de nação. Se, como quer Hannah Arendt, o medo empurra ao passado, o retorno ao país-natureza parece ter justificado rupturas com o destino político que se apresentava como utopia.

### Referências Bibliográficas

#### Bibliografia Analítica

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do Nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. 8ª ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2016.

\_\_\_\_\_. Stefan Zweig: Jews in the world of yesterday. *The Jewish Writings*. New York: Schocken Books, 2007.

\_\_\_\_\_. *A vida do espírito*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2000.

FLORIDA, Richard. *A ascensão da classe criativa: e seu papel na transformação do trabalho, lazer, comunidade e cotidiano*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.



KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-RJ, 2006.

MARQUES, Kadma. Transformações do campo arquitetônico: efeitos da passagem do desenho manual ao traço programado (Comunicação). *Todas as Artes, Todos os Nomes*. Lisboa, 2017.

NORA, Pierre. *Entre Histoire et Memoire*. Les lieux de memoire (vol.1 La République). Paris: Gallimard, 1986.

PORTILHO, Fátima. *Sustentabilidade Ambiental, Consumo e Cidadania*. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. Museus e cidade: o caso do MAR na Zona Portuária do Rio de Janeiro. *O público e o privado*, v.22, p. 32, 2013.

\_\_\_\_\_. Um certo Dr. F. Schmidt: Agricultura e Colonização na relação Brasil-Alemanha (1841-1861). *Cadernos do CHDD (FUNAG)*, v.1, 2010.

\_\_\_\_\_. Wiederaufbau no Brasil: relações entre a Escola de Ulm e o projeto pedagógico do MAM carioca. *Sociologia & Antropologia*, v. 3, 2012.

SANT'ANNA, Sabrina Parracho. Memória e modernidade: notas para refletir sobre memória e museus de um ponto de vista sociológico. *Panóptica*, v. 7, n. 2, p. 373-389, mar. 2013. Disponível em: <[http://www.panoptica.org/seer/index.php/op/article/view/Op\\_7.2\\_2012\\_373-389](http://www.panoptica.org/seer/index.php/op/article/view/Op_7.2_2012_373-389)>. Acesso em: 28 mai. 2015.

SCHULZ, Markus. Debatendo futuros: Tendências globais, visões alternativas, e discurso público. *Revista Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, 2014 Vol. 4, no. 1 (June), pp. 71-95. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S223838752014000100071&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223838752014000100071&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em mai. 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das. Letras, 1993.

SEPÚLVEDA, Myrian. Museus Brasileiros e Política Cultural. *Revista Brasileira De Ciências*, 2004.



SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VIANNA, Nathalia de Paula. *Museu do Amanhã e as novas curadorias por um olhar sociológico*. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais da UFRRJ). Seropédica: UFRRJ, 2016.

VIEIRA, Natália Miranda. *Gestão de Sítios Históricos: a transformação dos valores culturais e econômicos em programas de revitalização em áreas históricas*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2007.

VILLAS BÔAS, Gláucia. Os silêncios de Stefan Zweig (Comunicação). *Ciclo Por que Stefan Zweig?*. Rio de Janeiro, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; DANOWSKI, Débora. *Há mundo por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, Instituto e Socioambiental, 2014.

ZWEIG, Stefan. *Brasil, país do futuro*. Brasil: Ed. Ridendo Castigat Mores, 2001.

ZWEIG, Stefan. *Autobiografia: O mundo de ontem*. 1ª ed., Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2014.

### Fontes Primárias

ASSOCIAÇÃO DE JORNAIS. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>> Acesso em: 20 dez. 2017.

ECO. Nosso companheiro – com José Roberto Marinho. Disponível em: <[http://www.oeco.org.br/reportagens/10932-oeco\\_13005/](http://www.oeco.org.br/reportagens/10932-oeco_13005/)>. Acesso em: 14 ago. 2017.

Entrevista com Leonardo Menezes. Museu do Amanhã. Rio de Janeiro, 4 fev. 2015. Entrevista concedida a Nathália de Paula Bernardo Vianna.

Entrevista com John Urry. *Estud. hist.* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 24, n. 47, p. 203-218, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>.



php?script=sci\_arttext&pid=S0103-21862011000100011&lng=en&nrm=i  
so>. Acesso em: 21 mai. 2015.

ÉPOCA. Museu do Amanhã convida pensar sobre o impacto do homem  
na terra. Disponível em: <[http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/12/  
museu-do-amanha-convida-pensar-sobre-impacto-do-homem-na-terra.  
html](http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/12/museu-do-amanha-convida-pensar-sobre-impacto-do-homem-na-terra.html)>. Acesso em: 7 ago. 2017.

GUIMARÃES, Saulo Pereira. Com menos burocracia, OSs administram  
com sucesso espaços culturais. *Veja Rio*, 2015. Disponível em: <[http://  
vejario.abril.com.br/cidades/com-menos-burocracia-oss-administram-com-  
sucesso-espacos-culturais/](http://vejario.abril.com.br/cidades/com-menos-burocracia-oss-administram-com-sucesso-espacos-culturais/)>. Acesso em: 20 dez. 2016.

MUSEU DO AMANHÃ. Disponível em: <[http://museudoamanha.org.br/  
livro/02-um-museu-singular-para-um-futuro-plural.html](http://museudoamanha.org.br/livro/02-um-museu-singular-para-um-futuro-plural.html)>. Acesso em: 1 jul.  
2016.

MUSEU DO AMANHÃ. Disponível em: <[https://www.museudoamanha.org.  
br/pt-br/quem-somos](https://www.museudoamanha.org.br/pt-br/quem-somos)>. Acesso em: 15 jul. 2016.

MUSEU DO AMANHÃ. Cosmos. Disponível em: <[https://museudoamanha.  
org.br/pt-br/cosmos](https://museudoamanha.org.br/pt-br/cosmos)>. Acesso em: 13 ago. 2017.

MUSEU DO AMANHÃ. Antropoceno. Disponível em: <[https://  
museudoamanha.org.br/pt-br/antropoceno](https://museudoamanha.org.br/pt-br/antropoceno)>. Acesso em: 13 ago. 2017.

MUSEU DO AMANHÃ. Roteiro do filme exibido no Portal Cósmico.  
Disponível em: <[https://museudoamanha.org.br/sites/default/files/Roteiro\\_  
Portal-Cosmico.pdf](https://museudoamanha.org.br/sites/default/files/Roteiro_Portal-Cosmico.pdf)>. Acesso em: 14 ago. 2017.

MUSEU DO AMANHÃ. Antropoceno. Disponível em: <[https://  
museudoamanha.org.br/pt-br/antropoceno](https://museudoamanha.org.br/pt-br/antropoceno)>. Acesso em: 14 ago. 2017.

MUSEU DO AMANHÃ. Antropoceno. Disponível em: <[https://  
museudoamanha.org.br/pt-br/antropoceno](https://museudoamanha.org.br/pt-br/antropoceno)>. Acesso em: 14 ago. 2017.

O GLOBO. Marca 'Rio' ganha força entre os empresários. Disponível em:  
<[https://oglobo.globo.com/economia/marca-rio-ganha-forca-entre-os-  
empresarios-21804562#ixzz54YQBWwRn](https://oglobo.globo.com/economia/marca-rio-ganha-forca-entre-os-empresarios-21804562#ixzz54YQBWwRn)>. Acesso em: 20 dez. 2017.



PORTAL FATOR BRASIL. Prefeitura dá início às obras do prédio do Museu do Amanhã. 2011. Disponível em: <[http://www.revistafator.com.br/ver\\_noticia.php?not=179146](http://www.revistafator.com.br/ver_noticia.php?not=179146)>. Acesso em: 3 jan. 2018.

RELATÓRIO de Atividades Museu do Amanhã – Píer Mauá – Rio de Janeiro – outubro/2010 a novembro /2011. REVISTA PORTFÓLIO. Disponível em: <<http://revistaportfolioeav.rj.gov.br/edicoes/01/?p=18>>. Acesso em: 21 mai. 2015.

ZENITHMEDIA. Facebook is the fastest-growing media owner in ZenithOptimedia's global top 30. Disponível em: <[www.zenithmedia.com/google-strengthens-position-worlds-largest-media-owner/](http://www.zenithmedia.com/google-strengthens-position-worlds-largest-media-owner/)>. Acesso em: 02 fev. 2016.